

O estudo do maniqueísmo no auto de São Lourenço

Helen Karla Noé da Silveira

Janeska de Alencar Gomes Silva

Kaminski silva Florêncio

Laylma Farias de Araújo Batista

Luzia Maria da Silva

Tarcísio Augusto Santos Cunha

Resumo: Esta pesquisa propõe investigar aspectos do maniqueísmo presentes na obra de Padre José de Anchieta, “*O Auto de São Lourenço*”, e que de modo geral, teve como principal objetivo realizar uma análise direcionada para o âmbito da literatura jesuítica voltada para o maniqueísmo. Para a construção do *Corpus* desta pesquisa teve-se como estudo, os pressupostos de Bosi (1986) com o livro *História concisa da literatura Brasileira* assim como alguns capítulos dos livros *Maniqueísmo: Filosofia e Religião* (MARCOS ROBERTO NUNES COSTA, 2003.), *Santo Agostinho, uma biografia* (PETER BROWN, 2005). Esta análise foi desenvolvida como um estudo qualitativo de cunho bibliográfico, para que dessa maneira fosse possível realizar uma melhor análise da obra, pois o Maniqueísmo é uma doutrina religiosa, fundada por Mani, em que se propagava o dualismo entre dois princípios ou duas vertentes opostas, que usualmente eram o bem e o mal. Desse modo, compreendemos que o maniqueísmo acreditava que o mundo estava dividido em duas partes, espírito e matéria, um lado repleto de luz, bondade e divindades, e um lado maligno, escuro, sombrio e trevoso. Ao final da análise, constatamos que o Auto de Padre José de Anchieta, possui em seu texto mais precisamente no segundo ato de sua obra um discurso maniqueísta. Que são facilmente perceptíveis e expressos no texto e que se apresentam para o leitor ora de forma direta, ora de forma indireta e de maneiras deliberadas, desde o seu título até a sua última estrofe.

Palavras-chave: Literatura Jesuítica. Teatro de Anchieta. Maniqueísmo.

Abstract: This research proposes to investigate aspects of Manichaeism present in the work of Father José de Anchieta, "O Auto de São Lourenço", and that in general, had as main objective to carry out an analysis directed to the scope of Jesuit literature focused on Manichaeism. For the construction of the Corpus of this research, Bosi (1986) presuppositions with the book Concise History of Brazilian Literature as well as some chapters of the books Manichaeism: Philosophy and Religion (MARCOS ROBERTO NUNES COSTA, 2003), Santo Agostinho, a biography (PETER BROWN, 2005). This analysis was developed as a qualitative bibliographic study. So that a better analysis of the work could be made, for Manichaeism is a religious doctrine, founded by Mani, in which the dualism between two principles or two opposite sides, which were usually good and evil, was propagated. In this way, we understand that Manichaeism believed that the world was divided into two parts spirit and matter one side full of light, goodness and deities and a dark, dark, dark and sombre dark side. At the end of the analysis, we find that the Auto de Padre José de Anchieta has in his text more precisely in the second act of his work a Manichean discourse. Which are easily perceived and expressed in the text and which present themselves directly or indirectly in deliberate ways, from the title to the last stanza.

Key-words: Jesuit literature. Theater of Anchieta. Manichaeism.

Resumen: Esta búsqueda propone investigar aspectos del maniqueísmo presente en la obra de Padre José de Anchieta, “*O Auto de São Lourenço*”, y que de modo general, tuvo como principal objetivo realizar un análisis dirigido al ámbito de la literatura jesuítica orientada hacia el maniqueísmo. Para la construcción del Corpus de esta investigación se tienen como estudio los presupuestos de Bosi (1986) con el libro *Historia concisa de la literatura brasileña* así como algunos capítulos de los libros *Maniqueísmo: Filosofía y Religión* (MARCOS ROBERTO NUNES COSTA, 2003.), *San Agustín, una biografía* (PETER BROWN, 2005). Este análisis fue desarrollado como un estudio cualitativo de cuño bibliográfico. Para que de esa manera fuera posible realizar un mejor análisis de la obra, pues el Maniqueísmo es una doctrina religiosa, fundada por Maniu, en que se propagaba el dualismo entre dos principios o dos vertientes opuestas, que usualmente eran el bien y el mal. De este modo, comprendemos que el maniqueísmo creía que el mundo estaba dividido en dos partes de espíritu y materia un lado repleto de luz, bondad y divinidades y un lado maligno, oscuro, sombrío y trueno. Al final del análisis, constatamos que el Auto de Padre José de Anchieta, posee en su texto más precisamente en el segundo acto de su obra un discurso maniqueísta. Que son fácilmente perceptibles y expresados en el texto y que se presentan para el lector ora de forma directa, ora de forma indirecta y de maneras deliberadas, desde su título hasta su última estrofa.

Palabras-clave: Literatura Jesuítica. Teatro de Anchieta. Maniqueísmo.

1. Introdução

O seguinte estudo pretende investigar aspectos do maniqueísmo presentes na obra “*O auto de São Lourenço*” (1583), de Padre José de Anchieta¹, visto que tal pesquisa e estudo ainda são embrionários dentro da esfera da literatura Brasileira na perspectiva do religioso. A importância deste estudo, encontra-se em poder compreender acerca da literatura jesuítica por meio de uma composição teatral do subgênero da literatura dramática que possui em sua estrutura uma grande e forte carga literária, cultural, religiosa e simbólica. Além de levantar em seu texto questões contemporâneas, problemas e polêmicas que envolvem as relações humanas e sociais. O auto ao qual será analisado levanta em seu texto uma temática religiosa que ainda é bastante conflituosa em nossa sociedade atual levantando no texto o lado profano e o religioso, mostrando também através dessas duas temáticas a intenção do homem europeu da época que era aproximar o índio de sua cultura, aproximando-o para mais perto da cultura europeia, boa cheia de luz divina e dominante e aniquilando de uma vez por todas a cultura indígena demoníaca e tupi. Buscando também dessa forma agregar, por meio da análise revelar a presença do maniqueísmo presente nesse texto. Este foi o ponto inicial, o qual chamou a atenção

para estudá-lo. Desse modo, essa pesquisa pretende discutir sobre a literatura jesuítica, conceituar o maniqueísmo e identificar questões estruturais, além de reconhecer a presença do maniqueísmo na obra.

Para este estudo utilizamos ALFREDO BOSI (1986), PETER BROWN (2005) e MARCOS ROBERTO NUNES COSTA (2003). O maniqueísmo, por sua vez é uma filosofia religiosa sincrética e dualística, essa dualidade se encontra em dividir o mundo entre Bom, ou Deus, e Mau, ou o Diabo. Este estudo, portanto foi desenvolvido por meio de um estudo qualitativo de caráter bibliográfico onde por meio desta metodologia identificamos no auto, aspectos e características de um discurso maniqueísta. De forma tal que, pesquisa e análise, estarão contribuindo ainda mais, de forma significativa para a literatura Brasileira.

¹Foi um padre jesuíta espanhol, santo da Igreja Católica e um dos fundadores da cidade brasileira de São Paulo, Beatificado em 1980 pelo papa João Paulo II e canonizado em 2014 pelo papa Francisco, é conhecido como *Apóstolo do Brasil*, por ter sido um dos pioneiros na introdução do cristianismo no país. Em abril de 2015 foi declarado copadroeiro do Brasil na 53ª Assembleia Geral da CNBB. Foi o primeiro dramaturgo, o primeiro gramático e o primeiro poeta nascido nas Ilhas Canárias. Foi o autor da primeira gramática da língua tupi, e um dos primeiros autores da literatura brasileira, para a qual compôs inúmeras peças teatrais e poemas de teor religioso e uma epopeia. É o patrono da cadeira de número um da Academia Brasileira de Música.

2. A literatura jesuítica

Desde sempre, sabe-se que a função dos jesuítas nas terras brasileiras era de não somente informar aos europeus sobre como iam as conquistas na nova terrinha, mas também possuíam a missão de catequizar e ensinar os índios que aqui viviam. Os jesuítas possuem um papel de fundamental importância na criação da identidade cultural e na literatura Brasileira. Apresentando os mitos fundadores e influenciando, até nossos dias, a dinâmica cultural brasileira. Esteticamente falando, os jesuítas foram considerados como a melhor produção literária do Quinhentismo. Produziram

poesias e prosas de devoção e, além disso, implantaram o teatro com características pedagógicas, inspirados em santos da igreja católica e em diversas passagens bíblicas.

A apresentação dos Autos não eram meramente de caráter catequético, mas se constitui em uma alegoria em que predominava a imposição da cultura europeia, sobretudo ibérica, dando base, pela sua configuração, às balizas culturais do Brasil. O teatro jesuítico é igualmente religioso, cômico, persuasivo e doutrinador e principalmente informativo.

Alfredo Bosi (1986) em sua "História concisa da Literatura Brasileira" diz que os jesuítas não pertencem à categoria de literário, mas à pura crítica histórica, ele reconhece que é graças a esses relatos da paisagem, do índio e de grupos sociais, que podemos captar as condições primitivas de nossa cultura. Todos esses textos têm como característica a informação, como diz Bosi, eram comerciantes, navegadores, aventureiros, e militares que ao chegarem da Europa aqui no Brasil, deslumbraram-se com a beleza da nossa terra e informaram sobre o Brasil para a Europa. No século XVI, em meio à vida colonial, criou-se elementos literários, ideológicos e historiográficos que contribuíram para formação da identidade nacional.

2.1- Um breve comentário sobre o maniqueísmo

Podemos entender o maniqueísmo, como sendo uma religião sincrética e gnóstica fundada por Mani Maniqueu no século III, na Pérsia, segundo o qual o universo é criação de dois princípios que se combatem: o bem representado por Deus e o mal representado pelo diabo. O início desta doutrina está ligado com a decadência do gnosticismo, sobretudo, após uma revelação recebida por Mani quando este ainda tinha 12 anos. O maniqueísmo foi profetizado por Jesus, no livro de João, isto é, de acordo com o ensino Maniqueu, Jesus anuncia a vinda de Mani como consolador que trará toda verdade. A partir de então, Mani se autoproclama revelador supremo enviado por Deus e reúne conceitos das religiões hinduísta, budista, judaica e do cristianismo, tornando o maniqueísmo uma seita sincrética. Desse modo o objetivo desta união de concepções é criar uma base capaz de sustentar a ideologia

maniqueísta, que é basicamente um dualismo radical. Conforme nos explica Brown (2005, p. 63):

Para o maniqueísta, o universo existente, no qual o bem e mal se mesclavam de maneira tão desastrosa, brotara de uma invasão frontal do bem – o reino da luz pelo mal – o reino das trevas [...]. Tão separado era o “governante” do “Reino”, o pai da luz, que se via indefeso contra ele: não podia sequer entrar em confronto com os invasores por sofrer uma transformação drástica e tardia no seu ser.

Em geral, os maniqueístas podem ser considerados como dualistas e sua religião é basicamente fundamentada na ideia de que o ser humano é composto por dois princípios, contudo, de acordo com a perspectiva desta doutrina essas naturezas possuem origens diferentes, pois, Deus sendo bom, não seria autor do mal.

Alicerçada na perspectiva maniqueísta, o ser humano é visto como um ser dicotômico, isto é, o homem por natureza é composto por duas substâncias opostas, o bem e o mal, o bem considerado como uma procedência divina corresponde à alma, o mal por outro lado, refere-se ao corpo que por estar altamente interligado com a natureza material é considerado como uma procedência maligna e perversa. Desta forma, o ser humano é isento da responsabilidade de seus pecados, uma vez que, devido à sua composição maligna as práticas dos indivíduos são altamente predestinadas, tornando-os assim, seres que não possuem livre arbítrio na escolha entre o bem e mal.

O maniqueísmo surge então como uma religião missionária, logo a intenção de Maniu Maniqueu era pregar suas ideias que basicamente se resumiam na explicação teórica sobre a origem do mal, assim, a salvação se daria por meio do autoconhecimento dos indivíduos de sua composição imaculada. Maniu através da linguagem do evangelho, tem a missão de alertar ao povo sobre a aproximação dos fins dos tempos, tal como o juízo final.

A organização hierárquica desta doutrina divide-se em duas camadas como uma espécie de pirâmide religiosa capaz de identificar a perfeição espiritual de seus membros. Na parte mais alta ou “superior” estão presentes os denominados “eleitos” também conhecidos como sendo os “perfeitos”. Segundo nos afirma Brown (2005, p. 66)

Além do líder Maniu esta área é ocupada pelos que seguiam rigorosamente a doutrina maniqueísta, por outro lado, a base é composta pelos ouvintes, em geral, pessoas que também seguiam a doutrina, porém não com tanta devoção.

Muitos dos que passaram a seguir a seita maniqueísta buscavam nela um refúgio uma saída um sustento, já que o método autoritário adotado pelo cristianismo convencional trazia consigo o sentimento da responsabilidade pelos pecados. Por motivos como este, a expansão territorial da doutrina maniqueísta consegue chegar a diversas regiões tais como, Pérsia, China, Egito Itália e Roma, sendo considerada como umas das disseminações mais rápidas da história da religião.

O desfecho desta doutrina é marcado por um período de perseguição aos que se diziam ser maniqueístas, segundo alguns relatos, diante a enorme extensão que o maniqueísmo havia alcançado e, por se posicionar contra alguns dogmas pregados pelos católicos, foram por um longo período duramente perseguidos, até que persiste apenas alguns extratos de um grande movimento religioso que já existiu. Atualmente, grande parte do conhecimento sobre a seita maniqueísta se deve ao intelectual e filósofo Santo Agostinho, na época conhecido como Agostinho de Hipona, que durante nove anos fez parte desta religião e escreveu diversas obras a respeito do maniqueísmo. Santo Agostinho deu continuidade à religião assim pode-se dizer, ainda que de forma discreta por meio dos livros e de seus escritos, mantendo-a viva, inata e inalterada.

2.2- A representação do maniqueísmo no auto de São Lourenço

O auto de São Lourenço é uma obra teatral da literatura de catequese. A obra é composta por 1493 versos e contém uma grande pluralidade linguística e significativa que no texto interagem entre si. São elas: o Espanhol, o português e o Tupi. Por ser um auto possui um forte teor religioso, pois retratavam a vida dos santos, os milagres de Cristo, o nascimento e a paixão de Jesus. A obra é composta por cinco atos: no primeiro ato a peça inicia-se com o martírio de São Lourenço, no segundo ato, os demônios enfrentam os santos, o terceiro ato os imperadores romanos que assassinaram São Lourenço são mortos por Aimbirê e Saravaia, que foram

subjugados pelo Anjo amor e temor de Deus, o quarto ato o corpo de São Lourenço é levado à tumba, e o quinto e último ato acontece a dança dos meninos-índios (doze), dotados de um discurso religioso que imita uma espécie de procissão.

O tema central da história acontece em torno de São Lourenço e de São Sebastião que ficam o tempo todo lutando com os demônios Guaixará, Aimbirê e Sarava, pela proteção da aldeia tupi, para que os demônios não a levassem à perdição. Esses demônios representavam e levavam os nomes de alguns índios tamoios que eram rivais da tribo tupi e que estavam aliados aos Franceses, que na época combatiam com os portugueses pelas terras conquistadas. Dessa forma, pode-se compreender que o auto de São Lourenço e os demais autos realizados na mesma época por Anchieta, transmitiam para a plateia que era composta por índios tupis, europeus portugueses, soldados e padres, mensagens não somente de cunho catequético e religioso, mas também político. Além também de levar o índio a se aproximar da cultura estrangeira quando demoniza os índios rivais e exalta e glorifica os santos e práticas da igreja católica e europeia.

O ponto mais alto e mais importante da peça encontra-se no segundo ato onde podemos perceber com mais nitidez o lugar em que o maniqueísmo se faz mais presenteem toda a obra. “2º ATO: os demônios enfrentam os santos.”

O título do segundo ato por si só, já nos transmite uma espécie de rivalidade de uma briga entre dois supostos lados.

O conflito entre os santos com os demônios ou os demônios com os santos, simbolizam na obra um combate entre o bem e o mal a luz e as trevas. O lado do bem é representado pelos santos da igreja católica europeia São Sebastião e São Lourenço e pelo anjo. Enquanto que o lado do mal é representado na obra como sendo os índios. Conforme nos diz Alfredo Bosi (1986, p. 25)

A dinâmica é representada por dois polos dicotômicos: de um lado, o bem, materializado por anjos e santos da fé católica; do outro, o mal, que se mostra caracterizado por figuras demoníacas em que seus vícios e pecados se assemelham aos costumes indígenas.

A obra toda nos transmite um embate entre o bem e o mal, entre a conduta benevolente cristã e a conduta indígena herege. Podemos perceber também que a pluralidade linguística utilizada pelos personagens reforçam ainda mais a presença do

maniqueísmo pois a língua utilizada pelos personagens do bem é o Português já a linguagem utilizada pelos personagens do mal é a língua tupi e guarani línguas indígenas. As falas dos demônios foram, originalmente, escritas em tupi, enquanto os versos em português contidos no Auto são as falas dos anjos que representam, simbolicamente, o amor e o temor de Deus.

Os versos:

Dos vícios já desligados
nos pajés não crendo mais,
em suas danças rituais,
nem seus mágicos cuidados.(ANCHIETA, p.55)

Os versos da obra á cima focam o momento em que os índios já estariam prontos para serem catequizados. O trecho: “já desligados”, remonta à ideia dos índios já terem abandonado suas crenças e estarem prontos, para receber os novos ensinamentos religiosos que lhes eram impostos de forma alienada, constituindo-se assim em uma escravização “camuflada”.

Dessa maneira compreende-se que o maniqueísmo na obra assume um papel cultural de forma que levava o índio a se reconhecer e se ver dentro da obra como algo demoníaco, ruim e do mal e que seu fim seria o inferno, fazendo com que o índio se afastasse de sua própria cultura e o aproximasse da cultura do homem branco europeu, bom, fiel e servo de deus. Essas eram assim, as finalidades das peças teatrais de Anchieta, aproximar o índio da cultura e da religião europeia por meio de uma linguagem fácil, dinâmica e simples diferentes dos sermões que eram longos e enfadonhos.

3. Considerações finais

O “Auto de São Lourenço”, de Padre Anchieta é um exemplo de como a literatura jesuítica foi importante na criação da identidade brasileira.

O maniqueísmo por outro lado, até hoje, continua sendo estudado e questionado. Anchieta não foi o último a utilizá-lo em uma obra. Atualmente pode-se encontrá-lo travestido em diversas outras composições estéticas não somente em obras de cunho religioso, apesar de nessas, apresentar-se de maneira mais constante.

Desse modo, através desta pesquisa, compreendemos que o maniqueísmo acreditava que o mundo estava dividido em duas partes espírito e matéria, um lado repleto de luz, bondade e divindades, e um lado maligno, escuro, sombrio e trevoso. Ao final da análise, constatamos que o Auto de Padre José de Anchieta, possui em seu texto, mais precisamente, no segundo ato de sua obra um discurso exclusivamente maniqueísta. Que é facilmente perceptível e expresso no texto se apresentando para o leitor ora de forma direta, ora de forma indireta, e de maneiras deliberadas, desde o seu título até a sua última estrofe. Onde entendemos também que um estudo mais aprofundado e melhor, não só dentro do universo acadêmico como também no nível básico são enriquecedores, pois, a relação do homem com as religiões e doutrinas religiosas em geral, e principalmente, com os elementos culturais, assim como com a arte, levam o leitor a compreender e a refletir tanto a respeito de si mesmo, como sobre o mundo em que vive.

4. Referências

ANCHIETA, Pe José de. ***O auto de São Lourenço***. Virtual Books Online M&M Editores Ltda. Minas Gerais. Disponível em: www.virtualbooks.com.br. Acesso em: 29 de Novembro de 2017.

BOSI, Alfredo. ***História concisa da Literatura Brasileira***. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix. 1986.

BROWN, Peter. ***Santo Agostinho, uma biografia***. Tradução de Vera Ribeiro. 2º ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. ***Maniqueísmo: Filosofia e Religião***. Petropolis: Vozes 2003.

Encyclopaedia Britânica do Brasil publicações Ltda. ***Dicionário Brasileiro da língua portuguesa***. 14º ed. São Paulo, 1995.